

**SOBRE LINGUAGEM, FORMIGAS E CIGARRAS: ANÁLISE DA
(DES)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS**

Rafaela Portela Bezerra (UERR)

rafaelaportelabezerra@gmail.com

Nilmara Milena da Silva Gomes (UERR)

prof.nilmara.gomes@gmail.com

RESUMO

Este artigo compõe a atividade final da disciplina “Diversidade linguística, identidade e cultura”, do curso de Especialização em “Ensino de línguas em contexto de diversidade linguística”, da Universidade Estadual de Roraima, onde, através dos pressupostos básicos dos Estudos Culturais representado por Hall (2006), analisamos a (des)construção de identidades sociais e refletimos sobre velhos padrões que insistem em sobreviver na era pós moderna. Nessa perspectiva, nos propomos a analisar uma tirinha produzida pelo artista brasileiro Lucas Gehre (LTG), cujo conteúdo aborda a vida – e insatisfação - de uma formiga, através da perspectiva de um narrador onisciente. Concluimos que a formiga simboliza sujeitos comuns da vida cotidiana absorvidos pelas identidades sociais e suas perpetuações, bem como questiona os papéis sociais exercidos por eles(as) e seus contextos de luta diária.

Palavras-chave:

Pós-modernidade. Tirinha. Identidade social.

ABSTRACT

This article is the final assignment of the course “Linguistic diversity, identity and culture” part of the Specialization Course “Language teaching in linguistic diversity context” from Roraima State University, where, through the basic assumptions of the Cultural Studies field, represented by Hall (2006), we analyze the (de) construction of social identities and we reflect upon old patterns that insist on surviving in the post-modern era. From this perspective, we propose the analysis of a comic strip created by the brazilian artist Lucas Gehre (LTG), which content addresses the life – and dissatisfaction – of an ant through the perspective of an omniscient narrator. We conclude that the ant symbolizes common subjects of everyday life absorbed by social identities and their perpetuations, as well as it questions the social roles they play and their contexts of daily struggle.

Keywords:

Postmodernity. Comic strip. Social identity.

1. Introdução

Ao compararmos a sociedade hoje com a mesma há dez anos, podemos observar claramente mudanças de comportamentos influenciadas

pela popularização das redes sociais. O acesso a novas formas de criação de conteúdos, antes espaço dominado pela televisão e por outros canais de comunicação, como jornais e revistas, e até mesmo grandes *websites*, possibilitou que o direito à liberdade de expressão, previsto em constituição e conquistado após muitas lutas, se expandisse e tomasse novos rumos. Hoje, pessoas comuns produzem conteúdos todos os dias e publicam a todo minuto dentro da rede que une (quase) toda a população mundial através de simples cliques. Com isso, minorias passaram a falar, a expor suas lutas, suas opiniões e a influenciar muitas pessoas que antes contavam com padrões idealizados e popularizados na TV. Minorias passaram a se identificar com aquelas pessoas e fazer parte de movimentos de resistência e luta contra preconceitos. O que antes era invisibilizado passou a ser visto e ouvido. Contudo, juntamente com os discursos de empoderamento, vêm também discursos de ódio e discursos que tentam manter o padrão (irreal) de sociedade baseado no que é normal. Mas o que é normal?

Questionar e compreender as origens das normalizações e discursos do senso comum carregados de ideologias que (re)constróem identidades e perpetuam estereótipos são dois dos objetivos dos pressupostos teóricos dos Estudos Culturais, com destaque para Identidade, Cultura e também Linguagem, afinal é ela que permeia todas as relações sociais que se estabelecem em qualquer contexto. Porém, o ato de questionar não está presente apenas no cotidiano dos pesquisadores, mas também se encontra entre as inspirações de artistas plásticos, cantores, atores e autores, quadrinistas e também no dia a dia das pessoas inconformadas com o modelo atual de sociedade que oprime minorias e legitima um modelo dito normal idealizado apenas para satisfazer os grupos majoritários que ocupam espaços de poder e que por isso exercem grande influência na sociedade.

Nessa perspectiva, esta pesquisa se propõe a analisar uma produção escrita do autor brasileiro Lucas Gehre, cujo trabalho por si só já exerce uma crítica ao modelo de sociedade atual. A tirinha – ou “quadradinha” como ele denomina – que nos propomos a analisar narra a exaustão de uma formiga perante o fardo que ela tem que carregar como parte do seu papel social. Através de pressupostos teóricos dos Estudos Culturais, e, baseadas em autores que discorrem sobre Identidade, Diferença, Linguagem e poder como Silva (2000), Rajagopalan (2003), Woodward (2000), Hall (2006), entre outros, analisaremos como cada quadro constrói a identidade da personagem bem como os relacionaremos com as

peças e como o mundo em que vivemos na pós-modernidade, onde, suas vivências, sua identidade, bem como seu papel na sociedade já não são mais uma verdade imutável.

2. Pensando identidade através da linguagem

O interesse que cerca a linguagem vem do poder que ela tem de (trans)formar o universo real, possibilitar a troca de experiências, conhecer fatos passados e até mesmo imaginar “[...] o que não precisa e nem pode existir” (PETTER 2007, p. 8). A linguagem é a materialização do pensamento e o veículo da comunicação. Linguagem e sociedade são indissociáveis, como afirma Petter (*op. cit.*):

Tudo o que se produz como linguagem ocorre em sociedade, para ser comunicado, e, como tal, constitui uma realidade material que se relaciona com o que lhe é exterior, com o que existe independentemente da linguagem. (PETTER, 2007, p. 11)

Porém, a complexidade do fenômeno linguístico há muito tempo desafia os estudiosos. É no século XX, a partir dos estudos de Saussure, que a linguística passa a ser reconhecida como ciência, deixando de depender da exigência de outras ciências (lógica, filosofia, retórica, crítica literária) para ser estudada. A partir de sua teoria, Saussure, comprovou que o estudo da linguagem verbal humana tinha um objeto próprio e concreto: a língua (FREITAS 2008).

Até este momento da história nada havia sido falado sobre o uso real da linguagem, situada em contextos específicos e concretos tudo era muito abstrato, como afirma Rajagopalan (1998, p. 40) “permanece o fato, porém, de que os linguistas até agora têm sido lentos em perceber todo o alcance das implicações do multilinguismo e do multiculturalismo”. Hoje percebemos que conceituar língua(gem) é algo muito complexo, pois as definições são imprecisas e é objeto de controvérsia entre os linguistas de tradição estruturalista. Porém ainda nos deparamos com a redução dos usos linguísticos “[...] a formulações neutralizadoras das diferenças, sob a denominação de ‘língua’” (CÉSAR; CAVALCANTE, 2007, p. 30).

O que percebemos é a exarcebação do mito da superioridade da língua escrita e da cultura hegemônica, carregando assim o racismo e o apagamento das culturas subalternas, uma vez que “[...] a própria questão da identidade está ligada à ideia de interesses e está investida de ideologia” (RAJAGOPALAN, 1998, p. 35). A noção de língua(gem) não é

simples: julga-se a homogeneidade como algo positivo para o bom funcionamento da sociedade política, sedimentando o nacionalismo, como afirma Eagleton (2005, p. 59):

[...] pessoas que pertencem ao mesmo lugar, profissão ou geração nem por isso constituem uma cultura; elas o fazem somente quando começam a compartilhar modos de falar, saber comum, modos de proceder, sistemas de valor, uma auto-imagem coletiva. (EAGLETON, 2005, p. 59)

Não existem ainda soluções harmônicas para o reconhecimento das variações culturais e linguísticas existentes no território nacional. Tampouco existem definições prontas sobre as identidades dos sujeitos que no Brasil habitam. Não há apenas uma identidade, mas sim uma imensa gama de contínuas construções de identidade rumando um adiantamento infundável “incerto e vacilante” (SILVA, 2000, p. 88). As diferenças sim existem e são visíveis, porém inúmeras e praticamente incontáveis.

Sobre a convivência com as diferenças, com o outro, Silva (2000) argumenta que

O outro cultural é sempre um problema, pois coloca em xeque nossa própria identidade. A questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social ao mesmo tempo que é um problema pedagógico e curricular. (SILVA, 2000, p. 97)

Dessa forma para contribuirmos com a conscientização do processo de produção social da identidade e da diferença ao trabalharmos com questões multiculturais, não podemos apenas aprender a tolerar ou simplesmente respeitar a diferença, apesar de precisarmos disso como medida de urgência para os conflitos da atualidade, devemos também questionar e trazer à tona realidades apagadas e oprimidas. Essa diferença, esse “outro”, na sociedade moderna em que a identidade está cada vez mais descentrada e fragmentada expressa-se por meio de muitas dimensões: gênero, etnia, sexualidade, nacionalidade, corpo diferente, crenças, etc.

A diferença e a identidade são construções culturais e sociais e como tal devem ser mais do que respeitadas, devem ser questionadas e problematizadas, enfatizando sempre o seu caráter político, posto que “não podemos pensar a construção da identidade como algo puramente individual ou coletivo, mas como uma permanente negociação entre indivíduo e sociedade” (ENNE, 2010, p. 69), e principalmente, não podemos conceber a construção identitária como algo estático ou pronto, mas compreendê-la como um processo constante e ininterrupto de interação social.

Além de serem interdependentes, a diferença e a identidade, compartilham a linguagem, justamente por ser construção social e cultural, pois “a linguagem é, fundamentalmente, um sistema de diferenças” (SAUSSURE *apud* SILVA, 2000, p. 77) que faz parte do processo básico de funcionamento da língua e de instituições culturais e sociais. Porém, a linguagem, vacila, pois deve ser entendida como construção simbólica e não como algo fixo e imutável, ao passo que “a linguagem é caracterizada pela indeterminação e pela instabilidade” (SILVA, 2000, p. 80), uma vez que:

[...] cada um de nós tem histórias diferentes, únicas e irrepetíveis [...] por isso cada ‘unidade’, digamos assim, é constitutivamente plural, o que nos faz cada um diferente do outro e cada um de nós semelhante um ao outro. (GERALDI, 2003, p. 81)

Com essa visão crítica é possível perceber o multiculturalismo como algo que, na modernidade, forma e transforma as identidades, e que educar significa refletir criticamente sobre a essência da diferença, sem se limitar a reproduzir o já dito, transformando-se em “um mundo parado, um mundo morto” (SILVA, 2000, p. 101), posto que “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2006, p. 38).

O indivíduo age e fala como lhe convém, ou seja, dependendo se quer parecer ser membro de uma determinada comunidade ou se quer identificar-se com valores da classe média, posto que “[...] as alternativas linguísticas no repertório simbolizam as diferentes identidades sociais que os membros (de uma comunidade) podem assumir” (BLOM; GUMPERZ, 2002, p. 64).

Somos confrontados diariamente por sucessivas e diferentes identidades, dentre as quais parece possível fazer uma escolha. A fragmentação desestabiliza as identidades do passado, mas também abre um leque de construção de novas articulações, a criação de novas identidades (HALL, 2006). Isso se aplica ao pensarmos a inclusão dentro de grupos sociais e da própria sociedade:

[...] a ideia de conflito tem de ser percebida em seu caráter dialético, pois se o conflito marca a dissociação entre indivíduos, também opera no campo associativo, gerando esferas de negociação e alianças. (ENNE, 2010, p. 71)

Assim, paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que antes fortificavam localizações como indivi-

duos sociais hoje fazem parte de um tipo diferente de mudança estrutural que está tornando diferentes as sociedades modernas do final do século XX, fazendo com que as identidades pessoais também mudem, alterando o que pensamos sobre nós mesmos como sujeitos socialmente construídos. Esta fragmentação é chamada de deslocamento ou descentralização do sujeito, constituindo assim uma crise identitária.

Não deveríamos falar em identidade como algo completo e acabado, mas sim em reconhecimento, devemos vê-la como algo em processo de formação. A identidade surge então da falta de identificação com o outro, completada com a socialização, através do que imaginamos ser vistos pelo outro, mesmo assim passamos à vida buscando uma identidade e construindo-a de formas distintas de modo que nos agrada, fantasiando o prazer da plenitude.

A participação ativa cultural não significa apenas expressar sentimentos interiores e autênticos, mas sim ativar a imensidade de significados que já se encontram introduzidos nos sistemas culturais, além disso, é preciso observar que toda cultura leva consigo vestígios de outras culturas que as colocam em transformação contínua apesar dos melhores esforços para torná-la singular, dessa forma, cada cultura instiga a identidade social de seus sustentadores. A identidade cultural está sempre procurando o seu término, porém ela é constantemente desnorteada pelas culturas adicionais, que por sua vez fugirão do nosso controle contagiando as tentativas de estabilização cultural.

Woodward (2000) afirma que é a cultura que molda a identidade tornando possível optar entre as várias identidades possíveis, ao passo que “[...] ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da ‘alteridade’ [...] a globalização explora a diferenciação local” (ROBIN *apud* HALL, 2006, p. 77), pois o pós-modernismo opta pela cultura como conflito real e não como reconciliação imaginária (EAGLETON, 2005). Dessa forma percebe-se que a construção identitária sofre influencia tanto das representações culturais quanto das relações sociais.

O processo pelo qual nos projetamos em nossas identidades culturais tornou-se efêmero, variável e problemático. Esse processo constitui o sujeito pós-moderno, o qual não mais possui uma identidade estanque, indispensável e permanente. A identidade torna-se maleável, formada e transformada pelas culturas que nos rodeiam. É definida historicamente e

não definida ao redor de um eu coerente, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente desviadas.

Partindo desse pressuposto percebemos que a construção da identidade social é feita a partir de afirmativas binárias, que está entre o afirmativo e o negativo, ou seja, entre as semelhanças e diferenças partilhadas no mundo globalizado. A partir da descoberta de como as sociedades se organizam as comunidades imaginadas são criadas, abrindo espaço para descobertas de velhas e novas identidades, permitindo descobrir o estilo de cada sistema.

A escolha que fazemos ao darmos preferência a uma identidade é determinada pela subjetividade, a qual “[...] envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre quem nós somos” (WOODWARD, 2000 p. 55). Todavia, estamos inseridos em contextos sociais no qual a linguagem e a cultura constroem o significado que temos de nós mesmos e adquirimos uma identidade.

Dessa forma percebemos que culturas são partilhadas, tornando possível a mudança de identidade ao longo do tempo, uma vez que, segundo a teoria de Althusser (*Apud* WOODWARD, 2000, p. 60), o “sujeito” não é a mesma coisa que a pessoa humana, o “sujeito” é uma categoria simbolicamente construída.

3. “*Quadradinha*”: gênero textual e objeto de análise

Os gêneros textuais são inúmeros, devido à evolução das tecnologias digitais, posto que com o seu contínuo desenvolvimento, vêm também suas atualizações, mutações, e/ou a ocupação de tais gêneros textuais em outros meios de comunicação (MARCUSCHI, 2002).

Tomemos como exemplo as tirinhas, gênero textual que se caracteriza por uma sequência de quadrinhos que apresentam imagens e textos – não necessariamente juntos – de cunho humorístico, sarcástico e crítico a respeito da vida cotidiana e dos problemas e polêmicas que ela carrega. Como confirma Leite (2013):

As tirinhas constituem um subtipo das Histórias em Quadrinhos, mas com narrativas mais curtas, ou seja, são histórias sintetizadas, tem como característica principal o humor. Seu conteúdo voltado para o lado humorístico e sarcástico sempre mostrando desfechos inesperados, desperta a curiosidade dos leitores. (LEITE, 2013, p. 16)

Tempos atrás, os meios onde encontrávamos tirinhas limitavam-se apenas a revistas e jornais, contudo, hoje em dia é o que há de mais comum presente nas redes sociais. A tirinha - ou “Quadradinha” - como o próprio artista a denomina – em análise foi retirada da internet e pode ser encontrada a alguns cliques de distância na página profissional do artista no *Facebook* ou no portfólio de seu site.

A tirinha³⁴⁶ que será analisada a seguir apresenta nove quadros, onde nos sete primeiros reforça-se o estereótipo da formiga com base apenas na biologia. Do primeiro ao sétimo quadro lemos “Ela consegue carregar a folha que pesa mais que dez vezes seu próprio peso. Ela consegue [...] e a visualizamos carregando uma folha. No oitavo e nono quadro lemos “Mas é foda.” E a formiga em 1ª pessoa exclamando “Ufa!”. Tanto formiga quanto folha simbolizam mais do que podemos decodificar a primeira vista, e é sobre o que está nas entrelinhas que esta análise se debruça.

O que surge em nossos pensamentos quando imaginamos a vida de uma formiga? Quais os adjetivos que nos vêm em mente para descrever uma? De maneira muito provável, aqueles que tiveram acesso à fábula da “Cigarra e da formiga” quando crianças pensam imediatamente em trabalho, planejamento e força, afinal, o que se conta é que na fábula o inverno estava prestes a chegar e, diferentemente de sua conhecida cigarra, a formiga já estava se preparando para não sofrer. Analisar as personagens dessa fábula e suas respectivas vidas é praticamente impossível de se fazer sem levar em conta as diferenças entre elas. A identidade se constrói através da diferença, ambas construções sociais e culturais (SILVA, 2000).

Por ter um caráter simbólico, as fábulas dão margem a inúmeras interpretações e aplicações no mundo real, a começar pela célebre pergunta direcionada às crianças durante a hora da historinha: Qual é a moral da história? Tal momento é caracterizado por professoras lendo histórias para alunos e, dependendo da metodologia e abordagem em sala de aula, podem impor uma moral da história às crianças ou construir diferentes interpretações da história juntamente a eles. Nos dois cenários, de maneira mais ou menos sutil, encontramos relação de poder, que, segundo SILVA (2000), estão sujeitas a vetores de força que não são simplesmente definidos, mas impostos, onde não há convivência lado a lado,

³⁴⁶ Disponível em <<http://revistasamba.blogspot.com/search/label/quadrinhas>>

mas sim disputa, onde as professoras estão sensibilizando-os a observar e interpretar o mundo e conseqüentemente influenciando na construção de suas identidades. Nesse sentido, os(as) alunos(as), por estarem em processo de amadurecimento intelectual e social, constroem seus mundos englobando essas influências.

Voltando à fábula, a conclusão mais comum que crianças de fato chegam sobre a formiga após lerem e conhecerem sua história é que ela é uma guerreira. Ponto. Ela se preparou, ela tinha a capacidade de realizar aquela tarefa e a fez pensando no futuro. E quanto à cigarra? Ora, ela passou o período pré-inverno todo vivendo a seu bel-prazer, o que ela esperava? Ao fazermos essa distinção, inevitavelmente classificamos binariamente “formiga” e “cigarra”, atribuímos valores, hierarquizamos, levando uma a receber avaliação positiva e a outra, negativa (SILVA, 2000) onde a formiga, essa é a corajosa, e a cigarra, bem, a cigarra é claramente a preguiçosa. Nessa perspectiva, Silva (2000) afirma

O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo. (SILVA, 2000, p. 93)

Porém, tal fábula apresenta várias versões, duas delas, a versão do grego Esopo e a do francês Jean de La Fontaine, ambas escritas no século XVII e que muito se assemelham, pois em ambas a formiga questiona a cigarra sobre suas ações durante o período antes do inverno e no final arremata “Se passou o verão todo cantando, dança agora”. Diferentemente do ato de recontar a história, Monteiro Lobato a modificou e pensou a cigarra como uma artista que alegrava os dias da formiga e que no final celebrou a colheita juntamente a ela.

Se houve uma ressignificação do papeltanto da formiga (que além de trabalhadora, virou também bondosa) e do papel da cigarra (que não sendo mais preguiçosa, se tornou uma encorajadora) foi porque uma das interpretações do conto original incomodou. A quem? Podemos falar sobre a classe dos artistas que passaram a ser classificados como preguiçosos ou, que se eram vistos como preguiçosos por uma parcela da sociedade antes sofreram com o reforço de tal estereótipo.

E quanto à formiga? Seria possível pensar em um gênero para ela? Particularmente, nossa interpretação tende a pensá-la no feminino, justamente por conta da materialidade linguística representada no pronome pessoal feminino “ela” (1º quadrinho), como também na vogal temática -a do substantivo formiga. Afinal, apesar de existir formiga macho e fê-

mea, não existe “formigo”, ou pelo fato de termos crescido com a imagem de mulher sempre cuidadora e cuidadosa, sempre precavida, sempre corajosa, sempre acolhedora, sempre... uma formiga. A linguagem e a identidade com sua tendência para fixação nos fazem aceitar identidades acabadas sem questionar, “é assim e pronto”, todavia, “tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade” (SILVA, 2000, p. 84). Um exemplo desse escape pode ser visto nos dois últimos quadros da tirinha em análise “Mas é foda.” “Ufa!”. Apesar de existir explicação biológica que explica sua força, exemplificada nos primeiros quadrinhos da história em análise, e de parecer uma história motivacional através da repetição de “Ela consegue...”, “Ela consegue...”, tudo isso cai por terra coma insatisfação com sua situação, com a criação de sua identidade por terceiros, exclama: “É foda!”.

É através da língua que nós, seres humanos, somos capazes de agir socialmente e (inevitavelmente) politicamente no mundo (XAVIER *ET AL.* *apud* RAJAGOPALAN, 2003). A língua nos possibilita expressar todo e qualquer tipo de sentimento e de julgamento. Além disso, a língua nos permite criar e perpetuar estereótipos que povoam nossas crenças e que muitas vezes nem ao menos questionamos como foram adquiridos e pouco nos preocupamos em desconstruí-los. Mas devemos, e muito, desconstruí-los, questionarmos e problematizá-los. O discurso engendrado através do trabalho e esforço da formiga é bem aceito na sociedade neoliberal em que vivemos, afinal, o trabalho dignifica, certo? Porém quantas pessoas que recebem o rótulo de formiga diariamente estão exclamando “É foda.”? Quantas mulheres com jornadas de trabalho pesadas e com trabalho doméstico esperando em casa estão exclamando “É foda!”? Quantos homens pressionados pelo discurso de serem os principais provedores do lar e sufocados por um ideal de masculinidade estão exclamando “É foda!”? A romantização do papel da formiga e o que ela representa deve sim ser questionada, pois nos faz acreditar em ideias que o sistema capitalista sem justiça social quer que acreditemos – gostaria de frisar que não somos contra o sistema, mas somos contra as injustiças sociais – falamos assim antes que nossa identidade seja construída por terceiros, bem como aconteceu com a formiga (e a cigarra!).

Para finalizar, aqui, cabe também, considerarmos a folha, no contexto, o peso. A formiga carrega o que? A responsabilidade, a sua contribuição no “trabalho de formiguinhas” que se baseia na coletividade, já que são parte dessa identidade coletiva que as une, essa “autoimagem co-

letiva” (EAGLETON, 2005, p. 59) de “ser formiga” e “ser trabalhadora” e trabalhar pelo bem do formigueiro. O que a formiga e os que exclamam “É foda!” vivem em comum? O sistema. Porém, há diferenças entre sistemas. O sistema dentro de um formigueiro baseia-se na equidade, claro, provavelmente com seus problemas de formigueiro que está distante da nossa compreensão. Já o sistema em que vivemos baseia-se exclusivamente na meritocracia para ascensão dos sujeitos.

O que a folha representa para os que exclamam “É foda!” dentro desse sistema? Novamente, jornadas triplas, falta de oportunidades, dificuldade de acesso a bens culturais, ideais de comportamento prejudiciais à saúde física e mental, sobrecarga de afazeres, violência, homofobia, xenofobia, feminicídio, relações opressoras de poder, falta de empatia e corrupção, conseguimos carregar, mas é...

“Somos todos seres políticos, queiramos ou não!” (XAVIER *ET AL.* apud RAJAGOPALAN, 2003, p. 180) e pensar em língua(gem) como política é criticá-la e criticar, não no sentido de “depreciar”, mas no sentido de questionar. Significa questionar velhas tradições, interpretações e crenças com razoabilidade. É ser imparcial sem perder o respeito. Ao mesmo tempo em que trata de desafiar preconceitos e desconstruir visões que impossibilitam o arbítrio do outro, significa também ser vigilante para que a liberdade de um não signifique a extinção do outro.

Quando tomamos a consciência de que até nosso ato de respirar é um ato político, também começamos a refletir sobre o nosso papel no mundo, sobre a contínua formação das nossas identidades e sobre o que falamos. É quando temos essa consciência de que somos políticos que devemos redobrar nosso cuidado ao proferir palavras e também nossa atenção ao que os outros produzem, seja através de gestos, verbalmente ou de maneira escrita.

4. Considerações finais

Considerando que cada sujeito significa o mundo a sua maneira, e que através da linguagem materializamos nossos pensamentos acerca do que está ao nosso redor, esta análise ambicionou contribuir com a leitura crítica de morais de histórias que devem ser revisitadas e consequentemente desconstruir e questionar identidades definidas representadas pela personagem da formiga. Nela podemos enxergar os cidadãos comuns, que, regidos por um sistema que oprime e invisibiliza as minorias, cla-

mam por justiça social, esgotados pelas cargas que carregam diariamente. Por fim, espera-se que esse texto junte-se a outros textos que reforçam a luta dos que estão cansados de exclamar “É foda!” e que já se questionam “Precisamos mesmo carregar?”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOM, Jan-Petter; GUMPERZ, Jonh J. O significado social na estrutura lingüística: alternância de códigos na Noruega. In: GARCEZ, Pedro M.; RIBEIRO, Branca Telles (Orgs). *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

CÉSAR, America L., CAVALCANTI, Marilda C. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: BORTONIRICARDO, Stella Maris; CAVALCANTI, Marilda C., (Org.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2007.

EAGLETON, Terry. Cultura em crise. In: *A ideia de cultura*. Trad. DE Sandra Castello Branco. São Paulo. UNESP, 2005.

ENNE, Ana Lúcia S. Redes de memória e história na baixada fluminense: práticas discursivas, processos de configuração e reconfiguração das identidades sociais. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Liliana Cabral (Org.). *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

FREITAS, Déborah de Brito Albuquerque Pontes. A construção do sujeito nas narrativas orais. In: *CLIO* (Revista de pesquisa histórica). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

GERALDI, João Wanderley. A linguagem tem sujeito? In: CORTEZ, Suzana, XAVIER, Antônio Carlos (Org.). *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo. Parábola. 2003.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. de Tomaz Tadeu Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

GEHRE, Lucas. Lucas Gehre. Disponível em <<http://lucasgehre.com/>>. Acesso em 25 de Outubro de 2019.

LEITE, J. S. V. *A tirinha: gênero norteador do ensino de língua*. 2013. 22f. Monografia (Graduação em Letras). Centro de Ciências Humanas,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, Pombal, PB, dez. 2013.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.B.; BEZERRA, M.A. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.).

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e Trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e Trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (Orgs.). *Conversas com linguistas*. São Paulo: Parábola, 2003. ISBN: 85-88456-07-9. 200p.